

O Homem Cósmico Integral

[Dalmo Duque dos Santos](#)

O Homem Integral é o Sétimo Ser, a síntese dos seis protótipos anteriores. Nele certamente atingiremos a plenitude da Consciência, através da integração irreversível das três vivências da mente: o Pensamento, a Ação e o Sentimento. Tal experiência não se limita naturalmente ao planeta Terra, mas também nas inúmeras possibilidades de existências em outros orbes dos Cosmos. Nisso concentra-se a lógica da diversidade de mundos – as muitas moradas da Casa do Pai – e a pluralidade das existências. Os cinco sentidos físicos, como outras faculdades que abandonamos no passado, serão gradualmente substituídos por outras percepções mais sutis, iniciadas pelo sexto sentido, que é a percepção extra-sensorial. O domínio gradual dessas novas faculdades, típicas de mundos superiores e angélicos, culmina naquilo que poderíamos denominar, também grosso modo, de “Sétimo Sentido” ou “Superconsciente”. É quando se dá a conclusão da verticalização da consciência, dentro dos limites humanos, de noventa graus. São os últimos degraus da Escada de Jacó, porém são apenas os primeiros passos do ingresso no Reino de Deus, cuja dimensões e estado de coisas fogem da nossa compreensão atual. Raríssimas experiências foram descritas e, quando relatadas, seus protagonistas não têm outra alternativa senão apelar para a linguagem dos símbolos e parábolas. São os Mestres do Espírito e da Consciência que, em diversos graus de evolução, nesta mesma etapa, voltam aos mundos baixos para realizarem uma dupla função: adorar a Deus e se auto-reconhecerem no mundo interior dos semelhantes e ao mesmo tempo auxiliá-los na complexa e dolorosa descoberta de si mesmos. Annie Besant escreveu em 1912 um ensaio sobre esses “Irmãos mais Velhos da Humanidade”^[31] e a eles assim se refere:

“Há uma etapa , na evolução humana, imediatamente anterior à meta do esforço humano, que, uma vez atravessada, o homem, enquanto homem, não tem mais nada a realizar. Ele torna-se perfeito; sua carreira humana terminou. As grandes religiões dão nomes diferentes a esse Homem Perfeito, mas, qualquer que seja o nome, o conceito é o mesmo; Ele é Mitra, Osíris, Krishna, Buda ou Cristo, mas sempre simboliza o Homem que se tornou perfeito. Ele não pertence a uma única religião, nação ou família humana; não está limitado por um único credo; em todo lugar ele é o mais nobre, o mais perfeito ideal. Todas as religiões o proclamam; todos os credos têm nele sua justificação; ele é o ideal pelo qual se esforçam todas as crenças, e cada religião cumpre sua missão com maior ou menor eficiência , conforme a clareza com que ilumina e a precisão com que ensina o caminho pelo qual ele pode ser alcançado. O Nome do Cristo, atribuído ao Homem Perfeito pelos cristãos, designa mais um estado do que o nome de um homem. “Cristo em você, a esperança da glória”,

é o pensamento do mestre Cristão. Os homens, no longo percurso da evolução, atingem o estado de Cristo, pois todos concluem com o tempo a peregrinação secular, e aquele que especialmente no Ocidente está conectado a esse nome é um dos “Filhos de Deus”, que atingiram o objetivo final da humanidade. A palavra sempre trouxe consigo a conotação de um estado: “o sagrado”. Todos devem atingir esse estado: “Olhai dentro de ti; tu és Buda”. “Até que o Cristo surja em ti”.

Assim como aquele que deseja tornar-se músico, deveria ouvir as obras-primas dessa arte e mergulhar nas melodias dos grandes mestres da música, deveríamos nós, filhos da humanidade, erguer nosso olhos e nossos corações, em contemplação constantemente renovada, para as montanhas onde habitam os Homens Perfeitos da nossa raça. O que nós somos eles já foram; o que eles são nós seremos. Todos os filhos dos homens podem fazer o que um Filho do Homem já fez, e vemos neles a garantia do nosso próprio triunfo; o desenvolvimento de semelhante divindade em nós é apenas uma questão de evolução.”

Como vimos, a experiência do Mahatma Gandhi foi típica daqueles seres que estão em transição para a condição sobre-humana. Ao mergulharem na carne realizam as etapas de existência para qual escolheram como meio e logo tomam o rumo da finalidade para qual vieram. Nesse ponto direcionam seus olhares para todos os lados possíveis em busca das referências que vão lhes reativar a memória espiritual, bem como os modelos de conduta que possam solucionar suas equações iniciais sobre o jogo da vida e da morte. Gandhi foi iniciado nas escolas espiritualistas da sua cultura milenar, farta de mestres e avatares, mas só foi despertar para o seu fim principal quando leu o Sermão da Montanha e, conseqüentemente, mais 80 livros sobre o Cristianismo. O contato com as Bem-aventuranças repercutiu como um raio devastador na sua alma adormecida pelas leis do mundo físico e tal foi o efeito que o jovem advogado saiu pelo mundo em busca de si mesmo, atraído pelos milhões espelhos humanos que desfilavam diante de seus olhos, como reflexos incômodos dos sofrimentos causados pela miséria e pela injustiça social. Nesses instantes Gandhi esquecia de si próprio e dizia para si mesmo coisas que no conceito comum eram consideradas estúpidas: “Tenho que abrir mão daquilo que não é essencial, coisas perfeitamente dispensáveis e que a grande maioria das pessoas pobres não podem ter acesso”. Ou então, ao ser agredido por um soldado durante uma manifestação: “Ele atingiu o meu corpo e não o meu espírito”. É por isso que Will Durant viu nele o retrato de um “santo”, uma imagem distanciada da realidade e que só poderia ser compreendida pelos rituais exteriores da sacralização, típicas dos mitos santificados. “O Sermão da Montanha foi incontinenti ao meu coração na primeira leitura”, disse Gandhi, descobrindo que ali estava o caminho que tanto procurava desde a mais tenra juventude; a chave da busca pela compreensão do seu universo metafísico e do vácuo que trazia na alma solitária e deslocada do mundo exterior. Ainda jovem, Gandhi não compreendia por que os ingleses, sendo cristãos, não praticassem os ensinamentos do Cristo. Decidiu então ler, entender e aplicar em si próprio as idéias do Sermão da Montanha como uma arma ideológica contra o imperialismo britânico. Era uma nova e moderna batalha entre Cristo e Roma, em pleno século XX.

No entanto Gandhi estava contraditória e terrivelmente preso ao mundo de César; era uma missão que o ligava carmicamente aos conflitos políticos do seu povo e aos sistemas opressores das castas. Tudo isso colocava em risco a dignidade humana e negava ao povo o direito à felicidade, mesmo que em gotas, como a que todos temos no dia-a-dia, a cada pôr do Sol. Nas suas elucubrações Gandhi certamente lembrou-se de Buda e de Krishna, mas a experiência do Cristo Jesus o havia impressionado na rápida leitura daquelas oito pequenas sentenças de um breve e histórico discurso. *Os 32 Caminhos da Sabedoria* e as *50 Portas da Inteligência*, que a Cabala judaica dizia conduzir o homem à Deus, haviam sido maravilhosamente simplificadas em nove recomendações iniciadas pela singela expressão “*Bem-aventurados...*” As *Quatro Verdades* fundamentais do budismo, bem como suas *Oito Trilhas Nobres*, antes ensinadas somente a uns poucos escolhidos, foram pronunciadas serenamente em público, aos quatro ventos e cantos do mundo, para quem quisesse ouvir.

O povo da Índia ainda sofre, assim como todos os povos do mundo. A Índia não aceitou a mensagem viva de Gandhi, como também esqueceu os exemplos de Gautama Buda. Assim tem sido também com as demais nações, com relação ao exemplo deixado pelo Cristo. Admiramos, mas não praticamos. Grande tem sido o esforço de muitos comunicadores para espalhar essas verdades e fazê-las penetrar nos corações humanos; os dias passam e as frases encantadoras do Sermão da Montanha parecem estar cada vez mais distantes dos nossos ouvidos indiferentes. Tanto o “Reino de Deus” como o “Nirvana” ainda nos seduzem, mas ainda é uma sedução pelos olhos do desejo de consumo, igual ao da Serpente (Concupiscência) ou de Moha (Ilusão).

Então, já conhecendo pelos olhos do desejo as palavras de Buda e do Cristo, já nos tornamos intelectualmente metafísicos e já fomos positivados pela certeza da realidade transcendente. Mas quanto isso tudo significa em termos de graus de consciência? Em que ponto estamos da escala? O teste, embora constrangedor e, às vezes doloroso, é bastante simples: basta olhar para dentro de si mesmo e perguntar como nos comportaríamos diante dessas situações de bem-aventurança propostas por Jesus, no sermão da Montanha, e pelo Buda, no sermão de Benares:

Temos sido pobres de espírito? Temos tido uma visão correta para compreender as quatro verdades?[32]

Temos reagido com mansidão? Temos mantido o pensamento correto, livre da de luxúria, má vontade, crueldade e mentira?

Temos nos sentido saciado em nossa fome e em nossa sede de justiça?
Temos usado a palavra correta, sem falsidade, dureza e futilidade?

Temos alcançado a misericórdia, sendo misericordiosos? Temos tido ação correta, que não furta, não mata, e não se corrompe sexualmente?

Temos visto a Deus, sendo puros de coração? Temos tido vida correta, em que

o ganha pão a nenhum ser vivo prejudica?

Temos sido pacíficos e chamados de filhos de Deus? Temos tido esforço correto, para evitar os maus pensamentos e dominá-los, para suscitar bons pensamentos e conservá-los? Temos tido atenção correta, que é vigilância estrita e contínua a todos os estados do corpo, dos sentimentos, da mente?

Temos mantido o amor à justiça e o ideal cristão, mesmo diante das perseguições, injúrias e mentiras? Temos tido concentração correta, num objetivo único, de forma a atingir estados especiais de consciência pela meditação profunda?

Referências:

[31] “Os Mestres”, Editora Pensamento.

[32] A existência humana é dor; a causa da dor é o desejo; o fim da dor é obtido pelo fim do desejo; e o fim do desejo se dá com a moral reta e a disciplina.

Artigo Reproduzido com Autorização do Autor